

Seu Dinheiro

Celso Ming

Mudança de rota marca aniversário do Plano Real

O Plano Real fecha seu primeiro ano contabilizando resultados positivos e alcançando seu principal objetivo: o controle da inflação. Sem congelamentos, a inflação despencou de um nível de quase 50% para algo em torno de 2% ao mês. A combinação da política cambial — que tornou o dólar barato em relação ao real — com a abertura da economia seguiu os preços dos produtos importados, atendeu à demanda e incentivou a concorrência com o produto nacional.

Mas não dá para dizer que a condução do plano esteja sendo tranqüila. A equipe econômica teve de promover muitos ajustes e até mesmo mudar radicalmente a rota do real.

De julho a dezembro de 1994, os principais desafios do Governo estiveram relacionados com a contenção do consumo e com a condução da política cambial.

A queda da inflação permitiu um aumento do poder aquisitivo, mas a capacidade de produção da economia foi insuficiente para atender à demanda. E sempre que a procura é maior do que a oferta, os preços sobem. Por isso, foram adotadas medidas para frear o consumo. A criação e o aumento dos recolhimentos compulsórios nas operações dos bancos tornaram o dinheiro mais escasso e mais caro na economia, especialmente nos empréstimos; além disso, os prazos de crediário foram reduzidos e foram adotadas medidas restritivas aos consórcios e ao cartão de crédito.

No câmbio, o problema foi sustentar as cotações do dólar para que não ficassem abaixo de R\$ 0,83. Logo depois do real, o capital

estrangeiro acorreu às bolsas brasileiras, de modo a tirar proveito da forte elevação das cotações dos papéis negociados no mercado. A consequência desse jogo foi um aumento da oferta de moeda estrangeira na economia, que tenderia a derrubar ainda mais as cotações no câmbio. A maior preocupação do Banco Central foi criar demanda de dólares e inibir sua entrada.

A alta das taxas de juros nos Estados Unidos provocou a quebra do México, afugentou o capital externo daqui e de outros países “emergentes”. Isso obrigou a equipe econômica a inverter radicalmente a condução do Plano. O objetivo passou a ser frear importações e estimular exportações, para preservar as reservas cambiais, que servem de garantia para o plano. Vieram novas medidas para segurar o consumo, o que contribuiu para inibir as importações e permitir que sobrassem mais produtos para a exportação.

A partir de abril, com a queda do dólar no mercado internacional e uma certa estabilidade nas economias latino-americanas, o dinheiro de investidores estrangeiros voltou a pingar aqui. A atual questão está em saber até que ponto a entrada desse dinheiro vai compensar o que está saindo por conta das importações.

Em junho, o Governo passou a afrouxar um pouco a política monetária: reduziu compulsórios sobre posições dos bancos e permitiu renegociação de dívidas em atraso. Além disso, ampliou a faixa de oscilação dos preços de venda do dólar para estimular exportações e reverter o déficit na balança comercial.